

Natureza e Gêneros da Textualidade da Literatura Hispano-Americana Colonial de Viagem do Século XVI

Rogério Mendes Coelho*

Resumo: Os textos produzidos por navegadores, religiosos e intelectuais espanhóis entre os séculos XVI e XVII a respeito da América propuseram, entre as nuances da historiografia e do discurso ficcional; da imitação e do desvio, as bases interpretativas da América. Desse modo, a literatura hispano-americana colonial abriu uma perspectiva interessante para se refletir a respeito do significado da imaginação e da experiência no século XVI. O que se propõe como artigo é a análise da função, estrutura e problematização dos desdobramentos de sua recepção e interferência tanto no processo de formação social quanto literária no continente americano.

Palavras-Chave: literatura hispano-americana colonial; imaginação; alteridade; relatos de viagens.

Abstract: Texts written by navigators, religious men and Spanish intellectuals about America between XVI and XVII centuries proposed, among the nuances of historiography and fictional discourse; of imitation and mistake, the interpretative bases of America. Therefore, Hispanic American colonial

* Professor assistente 2 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Departamento de Ciências Sociais e Humanas (DSCH), responsável pela disciplina Literatura Hispano-americana e doutorando em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Pós-Graduação em Letras (PPGL). E-mail: rogeriomendz@yahoo.com.br.

literature opened an interesting perspective to reflect on the meaning of imagination and experience in the XVI century. What I propose in this article is the analysis of the function, structure and questioning of the ramifications of reception and interference both in the process of social formation as literary in the Americas.

Keywords: Hispanic American colonial literature; imagination; alterity; travel reports.

Introdução

Ao analisar os diversos escritos sobre o Novo Mundo constata-se que houve excessos na compreensão do universo americano. Atribui-se ao fato motivo simples: a América diferir da realidade dos homens que a interpretaram pois, até o século XVI, ignorava-se outras regiões além de Europa, África e Ásia.

Um dos fatores que contribuíram para que os europeus não imaginassem a existência de outras regiões além da Europa consistiu na crença de bastarem-se. Os europeus acreditavam-se superiores e universais. Os habitantes do Velho Mundo acreditavam ser superiores por suas mitologias, ciência e artes, pela relação com a escrita, e por meio da perpetuação e transferência de valores, memórias. Um pensamento arbitrário que gerou a incapacidade em lidar com a diferença americana. Desse modo, ao se depararem com a América os europeus provocaram relações de desconforto e conflito com os americanos: a idéia de conquista e colonização tomou forma pelo direito da Razão Ocidental.

Ao tentarem descrever a experiência os europeus, por meio dos relatos de viagem, causaram transtornos pela incapacidade e imaginação que transformou o espaço americano em (in)convenientes idealizações somadas a urgência de necessidades e conquistas materiais de homens crentes na premissa de bastarem-se. Portanto, a idéia primeira da América contida nos relatos de viagem sobre o

que poderia vir a ser a Quarta Região do Mundo relacionou-se às arbitrariedades dos europeus em determinar as expectativas e legibilidade do Ocidente. Note-se que nos primeiros contatos os europeus procuraram no Novo Mundo uma natureza social familiar, particular e, ao mesmo tempo, universal. Buscou-se na América espelho ou continuidade do Velho Mundo já que os europeus tinham a si como parâmetro para experienciar e explicar o mundo. O trecho a seguir, escrito pelo navegador português Gabriel Soares de Sousa no livro “Tratado Descritivo do Brasil de 1587” (2000), exemplifica uma das mais emblemáticas demonstrações sobre a dificuldade em lidar com a diferença. Como seria possível relacionar-se com uma civilização que não era cristã?

(...) três letras do A B C, que são F, L, R grande ou dobrado, coisa muito para se notar; porque se não têm F, é porque não têm fé nenhuma coisa que adorem; nem os nascidos entre os cristãos e doutrinados pelos padre da Companhia de Fé em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem (...) e se não têm L na sua pronúnciação, é porque não têm lei alguma que guardar, nem preceitos para se governarem; e cada um faz lei a seu modo, e ao som de sua vontade; sem haver entre eles leis com que se governem, nem têm leis uns aos outros. E se não têm R na sua pronúnciação, é porque não têm Rei que os reja, e a quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai o filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som de sua vontade (...) (SOUSA, 2000:268)

Dessa maneira, não surpreende que tenha faltado linguagem para descrever o que constituía a América: uma natureza tão distinta quanto inimaginável. Não foi em vão que para tornar lícito o espaço indescritível utilizaram-se referências que distanciaram o novo continente de sua realidade e a aproximaram da lógica e razão do Ocidente. Imaginação ou realidade a idéia do que poderia vir

a ser a América apresentou-se confusa porque contribuiu para a efetivação de fantasias. Hoje fica evidente a compreensão as razões das dificuldades dos navegadores em descrever o Novo Mundo em acordo com sua real constituição.

Classificar espécies e compreender hábitos não era prioridade entre os navegadores-escritores, no entanto, era obrigação tornar legítimos e conquistar os mundos. Cabia aos navegadores-escritores tornar legíveis mundos ininteligíveis. Apesar das imprecisões e incertezas não havia alternativa para os leitores senão reiterar as afirmações disponibilizadas pelos intérpretes do Novo Mundo e a partir delas especular num campo restrito de possibilidades. Entretanto, não poderiam imaginar os leitores que, por trás das interpretações dos navegadores haveria inúmeras dificuldades e interesses: ambições de tornarem-se heróis, de enriquecerem e ascenderem socialmente, tornarem-se mártires, afamarem-se pelas letras, de serem responsáveis por redensões ou uma nova história que interferiu na superinterpretação do universo americano. Mito do que foi dito sobre o Novo Mundo tratou-se de uma convergência de conveniências e desvios de realidade que geraram universos fantásticos ao reiterarem o heroísmo e idoneidade dos navegadores.

De certa maneira, o encontro e a inexplicabilidade do Novo Mundo se tornou oportunidade, conveniência para viabilizar ambições. Afinal, independente de absurdos e plausibilidades, por mais que restassem dúvidas, quem poderiam desmenti-los a respeito do que era contado se institucionalmente eles eram escritores responsáveis pela descrição da verdade? Quem poderia provar o contrário? O curioso é que nessa perspectiva os relatos de viagem deixaram de exercer o caráter documental: o discurso perdia-se em possibilidades que incitava a criatividade. Pode-se dizer que, dessa maneira, os relatos de viagem tornaram-se uma produção textual que se pautava em fatos que aos poucos se tornaram ficção como ficou constatado

em casos como “Naufrágios” (1542), de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca; “Miscelânea Antártica” (1586), de Miguel Cabello Valboa; “La Argentina” (1612), de Ruy Díaz de Gúzmán, para citar alguns dos que utilizavam a ocasião para enaltecerem a imaginação no abuso da credibilidade de suas funções para impressionar os príncipes e povos.

Os intérpretes do Novo Mundo não estavam preparados para lidar com realidades inimagináveis: “Naquele hemisfério vi coisas que não estão de acordo com as razões dos filósofos” (VESPÚCIO, 2003, p. 49) – e na tentativa de descrever o impossível acabou-se por criar outros mundos igualmente impossíveis e inimagináveis em acordo. O mundo que tinha o objetivo de apresentar-se exato nos textos eram imprecisos porque davam vazão à mente imaginativa dos escritores e outros interesses.

Primeiro, surpreendeu e temeu-se o que se viu. Depois, planejou-se tirar proveito do que se experienciou quando, enfim, julgou-se que a dessemelhança poderia ser prenúncio de um malefício. No entanto, até que ponto a dessemelhança seria uma ameaça ou, ao menos, por que o seria? A diferença gerava mistérios, incompreensões e intolerâncias. Era difícil admitir civilização que não se importasse com ouro; desconhecesse os desígnios cristãos e não estivesse preocupado com motivações mercantis. Seja como for, o fato é que a natureza americana distinguiu-se do Ocidente e esse foi motivo de maior estranheza e razão de muitos equívocos além de comprometimentos no processo de formação social e identitária americana. Não era comum assimilar cultura e homens que

Não fazem nenhuma troca ou comércio para comprar ou vender, bastando-lhes o que espontaneamente a natureza oferece; ouro, pedras preciosas, jóias, que, na Europa consideramos riquezas, em nada estimam, mas desprezam de todo e não se preocupam em possuir. São naturalmente tão generosos para dar que não negam nada que se lhes

pede, e, assim como para dar são generosos, assim são avidíssimos para pedir e receber, se mostram amigos de alguém. Nesse caso, dão prova máxima de sua amizade ao oferecer as próprias esposas e filhas aos amigos para que as possuam à vontade, e nisso tanto o pai quanto a mãe se julgam intensamente honrados quando alguém se digna a tomar uma filha, ainda que virgem, para com ela se deitar, por estabelecer-se com isso profunda amizade. (VESPÚCIO, 2003, p. 76)

Mas será que havia motivos suficientes para justificar uma ação repulsiva por parte dos europeus em relação aos usos e costumes do Novo Mundo? Pois, a civilização americana interpretava as leis da natureza. Os americanos vivenciavam a natureza de acordo com suas necessidades e sentiam-se livres. O que não foi compreendido. Como explicar, pela palavra, sua origem e realidade em meio a tantos interesses? Um exemplo emblemático para mostrar que

(...) a diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas de valor cultural. A diferença cultural introduz um processo de julgamento e estabelecimento de valores arbitrários que se dão a partir de algumas justificativas que licitam interesses específicos (BHABHA, 1998, p. 228)

A presença dos europeus no Novo Mundo tinha um propósito firme que se baseava em ações de domínio. Haveria, por exemplo, outra maneira de compreender a razão do episódio, narrado por Vespúcio, no exemplo a seguir? Ela é emblemática para analisar a violência nas relações firmadas.

(...) se não aceitassem nossa amizade, havíamos então de tratá-los como inimigos e tornar eternamente escravos quantos conseguíssemos prender: e então, carregando todos as armas que podíamos, chegamos à praia reunidos. Eles, segundo penso, pelo temor de nossas bombardas, não

opuseram a menos resistência a nosso desembarque e, assim que o completamos, agrupados em quatro companhias cada uma com 57 homens comandados por um capitão, travamos longa batalha. Depois de intensa luta e escarniçado combate, mortos muitos nativos, obrigamos todos a fugir e os perseguimos até um povoado, onde fizemos 25 prisioneiros. Incendiamos o povoado e voltamos aos navios com os 25 prisioneiros: do lado deles muitíssimos morreram ou ficaram gravemente feridos, ao passo que dos nossos morreu um só e feriram-se 22, que com a ajuda de Deus já recobram a saúde. (2003, p. 90)

No entanto, considerar os povos americanos inferiores e selvagens e submetê-los à escravidão significou cometer injustiças. Acabaram por tornar submissos, subservientes homens e povos que não ofereciam resistência e apresentaram-se, na maioria das vezes, pacíficos.

(...) son gentes de amor y sin codicia y convenientes para toda cosa, que certifico a Vuestras Altezas que en el mundo creo que no hay mejor gente ni mejor tierra: ellos aman a sus prójimos como a sí mismos, y tienen una habla la más dulce del mundo y mansa, y siempre con risa. Ellos andan desnudos, hombres y mujeres, como sus madres los parieron, Mas, crean Lustras Altezas que entre sí tienen costumbres muy buenas, y el rey muy maravilloso estado, de una cierta manera tan continente que es placer de verlo todo, y la memoria que tienen, y todo quieren ver, preguntan qué es y para qué (COLÓN, 2003, p. 46)

A Textualidade Hispano-Americana Colonial

Quando se pensa na textualidade empreendida nas descrições do Novo Mundo é comum não se chegar a um consenso no que diz respeito à sua tipificação. Por uma razão simples: por ela fundir, muitas

vezes, por meio de “(...) una prosa que mantiene, por ela misma, la atracción y el interés de la lectura” (MIGNOLO in MADRIGAL, 2002, p. 97), elementos que poderiam compor tanto a base do discurso historiográfico quanto do literário. No entanto, os relatos sobre o Novo Mundo são reconhecidamente dotados de uma natureza relatória. Pois, o objetivo da textualidade era tão-somente o de “(...) recoger y ordenar informaciones sobre las nuevas tierras (MIGNOLO in MADRIGAL, 2002, p. 75), como forma de demonstração e conquista. Mesmo porque “(...) el objetivo de hombres como Cristóbal Colón y Hernán Cortés no fue el de escribir, sino el de ‘descubrir’ y el de ‘conquistar’. Escribir fue secundario y, en cierto sentido, una obligación” (MIGNOLO in MADRIGAL, 2002, p. 9). Não imaginariam muitos que os relatos relegados a segundo plano contribuiriam de maneira significativa para fundamentar as bases do pensamento político moderno já que na compreensão da novidade de um Novo Mundo resgatou-se o sentimento utópico de renovação civilizatória. Basta observar que “A Utopia” (1516), de Thomas More, texto basilar para a modernidade no século XVI, mais especificamente o livro I, foi escrito com base nos relatos de viagem de um marujo da Em presa de Américo Vespúcio. O mesmo pode-se dizer da utopia de “A Cidade do Sol”, de Tommaso Campanella, escrita com base nos depoimentos de um marujo da esquadra de Cristobal Colon e demais utopias no período tendo-se como referencia as viagens e os Novos Mundos como metáfora.

Escrever sobre os mundos encontrados era um procedimento burocrático necessário. Tratava-se de um compromisso firmado entre os financiadores das expedições, homens interessados no encontro e conquista de terras e os navegadores, homens dispostos a encontrá-las e serem recompensados de alguma maneira por isso, para organizar e acompanhar os rumos das conquistas que poderiam significar aquisição de riquezas e domínios. Era uma maneira de tentar garantir direitos sobre uma conquista que poderia render benesses, se não imediatamente, em um futuro próximo. Desse modo,

os navegadores responsabilizaram-se por fornecer informações a respeito das missões e eventuais encontros e conquistas de rotas e territórios desconhecidos. Os relatos também eram importantes porque eram a prova material de que os acordos comerciais firmados entre as partes aconteciam.

Posto que os dias passados apresentei outro sumário da Terra do Brasil a El-Rei nosso Senhor, foi por cumprir primeiro com esta obrigação de Vassalo que todos devemos a nosso rei: e por esta razão me pareceu coisa muito necessária oferecer também este a V.A a quem se devem referir os louvores e acrescentamentos das terras que nestes Reinos florescem” (GÂNDAVO, 1995, p. 1)

Walter Mignolo, no capítulo “*Cartas, Crónicas y Relaciones del Descubrimiento y la Conquista*” (in MADRIGAL, 2002), apresenta a função e estrutura de alguns dos principais registros coloniais. O intuito do autor foi o de esclarecer a respeito da natureza e compromisso da textualidade que muitas vezes é confundida como manifestação literária. De maneira objetiva, o autor apresenta uma classificação que se divide em três partes: cartas, relações e crônicas.

As cartas, de acordo com Mignolo, caracterizavam-se pela livre narrativa e textualizavam o que se acreditava relevante, digno de ser mencionado nas expedições. Não era uma modalidade discursiva obrigatória, que deveria ser entregue aos financiadores. Era uma produção livre, de responsabilidade de quem estava a frente das expedições. Pode-se dizer que se tratava de uma produção textual de apoio às navegações e de inteira responsabilidade dos capitães ou almirantes. Tanto que não existia uma estrutura fixa a ser seguida e o conteúdo variava de acordo com o grau de instrução, sensibilidade e interesses dos escritores. Funcionaram como diários e com cronologias não-lineares. Nos mais detalhados encontram-se datas de partida e chegada aos destinos; coordenadas geográficas; informações sobre

fenômenos da natureza enfrentados; descrições técnicas a respeito da engenharia das embarcações e portos; reiteraões de objetivos a serem alcançados e impressões desprovidas de rigores sobre culturas e geografias. Esclarecimentos que variavam em omissões, detalhes e acréscimos, de acordo com os percursos, interesses e formação dos navegadores-escritores.

Lunes 8 de octubre – Navego al Ouesudeste y andarían entre día y noche once leguas y media o doce, y a ratos parece que anduvieron en la noche quince millas por hora, si no está mentirosa la letra. Tuvieron la mar como el río de Sevilla; gracias a Dios, dice el Almirante. Los aires muy dulces como en abril en Sevilla, que es placer estar a ellos: tan olorosos son. Pareció la hierba muy fresca; mucho pajaritos del campo, y tomaron uno que iba huyendo al Sudoeste, grajaos y ánades y un cartaz” (COLÓN, 2003, p. 8)

Ao contrário das cartas, as relações eram documentos obrigatórios e estruturavam-se por meio de tópicos fornecidos previamente pelos financiadores das expedições que apresentavam o que era prioritário encontrar e saber. De maneira geral, as informações e linguagem eram concisas e quase sempre se relacionavam com as descrições dos (1) nomes das províncias e povoados encontrados; (2) se as regiões já haviam sido exploradas e quais eram os primeiros conquistadores; (3) se havia e quantas áreas eram povoadas e se fossem quais as nacionalidades e, finalmente, o objetivo primeiro que era a descrição de (4) em que partes encontravam-se metais, pedras, ouro e especiarias. Em outros termos: o mapa do tesouro

Vejam-se alguns trechos exemplificados e esclarecidos na “Relación de la Ciudad de Guamanga” (1586) utilizado pelo próprio Mignolo (APUD 2002, p. 72) como exemplo.

1.(...) “... esta provincia, en tiempo de los Incas, se llamó Vilcas Guamán, que quiere decir Guamal provincia, y vil-

cas principio de la provincia; y este asiento de Vilcas muy poblado, como cabecera de provincia de todos los indios de esta comarca y también ' qué quiere decir el dicho nombre en lengua , y era el medio de entre la ciudad de Cuzco, donde los Incas residían y de la ciudad de Los Reyes." (...)

2. "Conquisitose esta provincia por mandato del marqués don Francisco Pizarro y por sus capitanes, y después de poblada la ciudad de Los Reyes y la de Cuzco, se pobló ésta. Poblóla Vasco de Guevara, teniente de gobernador del dicho Marqués, en Quínua, três leguas de esta ciudad, y tuvo nombre Quínua por una semilla que allí se daba de comer (...) y fundose el año de 1539, (...); y por ser aquel sitio frío, húmedo y lluvioso, se pasó el pueblo a donde al presente está"

3. (...) Esta ciudad tiene un temple tan moderado, que ni es frío ni caliente; es tan apacible que ni verano ni invierno no da pesadumbre el calor ni el frio; por mayo y junio hiela moderadamente

A terceira modalidade discursiva empreendida como registro é denominada crônica. A crônica aproxima-se ao que se apreende hoje como história. Ou seja, requeria um certo distanciamento cronológico dos fatos. Em geral eram escritas quando havia uma reflexão maior para os fatos ocorridos embora o objetivo primeiro estivesse sempre relacionado aos acontecimentos mais relevantes das Empresas Marítimas, o que não exigiria maiores reflexões, pois, o intuito era de enobrecer e dar importância às conquistas envolvidas nas expedições. Corresponderia a uma espécie de biografia dos empreendimentos marítimos onde estariam registrados os episódios de glória que se desejava conservar na memória. Os temas abordados variavam: poderia se falar dos êxitos nos processos de conversão cristã; das guerras; da supremacia cultural; de descobertas de regiões férteis e maravilhosas, por exemplo. Eram, geralmente, escritas por religiosos, por exigir certo grau de retórica e erudição.

Como exemplo, segue trecho do primeiro capítulo “De la opinión que algunos autores tuvieron que el cielo no se estendia al nuevo mundo, do Libro Primero de la Historia Moral y Natural de las Índias” (1590), de José de Acosta, que escreve sobre a surpresa de se encontrar um novo continente e a expansão da cosmologia da época

Estuvieron tan lexos los antiguos de pensar que hubiera gentes en este nuevo mundo, que muchos de eles no quisieron creer que había tierra en esta parte, y lo que es de maravillar, no faltó también quien negase haber aca este cielo que vemos. Porque aunque es verdad que lo más y los mejores de los Philosophos sintieron que el cielo era todo redondo, como en efecto lo es, y que así rodeava por todas partes la tierra y la encerrava en si: conto do eso algunos y no pocos ni de los meos autoridad ente los sagrados Doctores, tuvieron diferentes opiniones, imaginado la fabrica de este mundo a manera de una casa, en la qual el techo que la cubre solo la rodea por lo alto, y no la cerca por todas partes (1609, p. 13)

O Caso de Cristobal Colón: Paraíso e Mitologia

De fato, é possível observar, além dos distanciamentos, aproximações entre o espírito das cruzadas e alguma das incursões náuticas no século XVI. O que não surpreende, haja vista homens como o explorador Cristobal Colón possuírem ainda no século XVI valores medievais. Colón na ocasião do encontro com a América, acreditou ter encontrado o Éden e ambicionou estabelecer a dimensão religiosa Una – Católica. O que não surpreenderia, pois, a orientação religiosa/imaginário do navegador italiano a serviço da Coroa Espanhola relacionava-se a uma perspectiva milenarista. Propagar a fé e adquirir riquezas a partir do encontro e conquista de territórios pareceu conveniente e ideal para o arrojo e ousadia de homens como Colón, dispostos a conciliar interesses materiais, políticos e espirituais.

[...] Vuestras Altezas, como católicos cristianos y Príncipes amadores de la santa fe cristiana y acrecentadores de ella y enemigos de la secta de Mahoma y de todas idolatrías y herejías, pensaron de enviarme a mí, Cristóbal Colón, a alas dichas partidas de India para ver los (...) pueblos y tierras y la disposición de ellas y de todo y la manera que se pudiera tener para la conversión de ellas a nuestra santa fe; y ordenaron que yo no fuese por tierra al Oriente, por donde se costumbra de andar, salvo por el camino de Occidente, por donde hasta hoy no sabemos por cierta fe que haya pasado nadie (COLÓN, 2002, p. 2)

Para Janice Teodoro, em “América Barroca” (2004), o navegador, imerso no sentimento místico que orientava a época, sentiu-se, sob a égide do cristianismo, quando pensou ter localizado o Paraíso Terrestre responsável pela possibilidade de redenção do Ocidente. Mais que um casual encontro a América significou para Colón o cumprimento de uma profecia; obsessão que o navegador acreditou ser porta-voz. Tanto que a impressão que se tem ao analisar os textos é que a imagem da Terra Santa suscitada pelo navegador atrelou-se ao interesse de um homem em imortalizar-se como o responsável por encontrar o elo perdido do Ocidente.

López (2006) acrescenta que o sentimento de Colón vinculava-se a uma anterioridade para muitos desconhecida ao recordar os estudos dos escritos bíblicos do navegador ao lado do padre Gaspar Gorricio quando buscava a confirmação do significado de suas viagens como prenúncio místico. “Confirmação” e “prenúncio”, inclusive, que o navegador italiano procurou fundamentar no “Libro de las Profecias”¹. Dessa maneira, Colón acreditou, ao explorar o continente

¹ Os estudos levados a cabo junto com o Padre Gorricio resultaram na escritura de um caderno de citações proféticas. O livro tentou fornecer, entre diversas referências – salmos, excertos dos Apóstolos, palavras de Santo Agostinho, Jeremias, Isaías, Gênese e Apocalipse –, sugestões e indicações sobre o devir e a

americano, que cumpria o que estava escrito nas sagradas escrituras. Ou seja, acreditou ser o mensageiro de Deus ao pensar ter encontrado o Paraíso na América. Dessa maneira,

[...]a América mostrou ser um mundo novo no sentido de uma ampliação não previsível da velha casa ou, se se preferir, da inserção nela de uma parcela da realidade universal, considerada até então como de domínio exclusivo de Deus (O'GORMAN, 1992:198)

A função do “Libro de las Profecias” além de promulgar a revelação de espaços sagrados e perdidos teve a intenção de homologá-los ao tentar persuadir os Reis Católicos de que o encontro com a América era, de fato, a confirmação de profecias. Tanto que Colón anexou o “Libro de las Profecias” a outros documentos compromissados com o testemunho da verdade entregues aos Reis após as expedições. Ao fazê-lo, o navegador buscou respaldo necessário para reconhecer a revelação e firmar-se responsável pela boa nova.

Colón era um homem crente em busca de sua verdade e que acreditava estar *apto* para conhecê-la e difundi-la. Tanto que anexo aos diários de navegação estava o “Libro de las Profecias” entregue aos Reis Católicos. Colón, desse modo, autoproclamava-se “[...] homem comum e iluminado que, com a ajuda de outros homens iluminados, tinha o dom de antever o amanhã ou a razão resplandecente que se serviria útil ao explicar o passado e dar um sentido final à história humana”, como sugere Cordiviola (2005, p. 70). O que leva a crer que Colón, antes de estar a serviço dos Reis, estava a serviço dos desígnios de Deus, envolvido em outras descobertas. Colón acreditava ser uma espécie de escolhido por Deus para revelar novos rumos para a Humanidade. O navegador genovês acreditava que o fato de ser

salvação no plano terrestre. Salvação que acreditou Colón intermediar ao acreditar ter localizado ao visualizar semelhanças no Novo Mundo com os indícios a que se referiam às palavras dos profetas.

navegador o vocacionava a intermediar novas relações além-mar. Descobrir a América significou descobrir um plano divino ao reafirmar as previsões de profetas como Isaías: “en efecto, las islas me aguardan y las naves del mar en primer lugar, para que conduzca a tus hijos desde los lejos” (COLÓN apud LÓPEZ, 2006:51). Como acreditava ser o mediador dos mundos internalizou as palavras do profeta e acreditou ser digno da incumbência de conduzir *los hijos* às Ilhas, à América. Em Jeremias 31², o genovês reafirmou a pertinência das profecias e o papel por ele assumido como mediador de uma nova Era. É possível que Colón, ao assumir o compromisso com os Reis de encontrar uma nova rota para as Índias na verdade acreditava estar imbuído em encontrar, sobretudo, as Ilhas anunciadas pelos profetas. Como navegador, conciliar convicções pessoais e missões sociais, talvez tenha sido, de fato, a confirmação necessária para respaldar seus interesses. Então, o que haveria de ilegítimo ou absurdo em suas palavras e interpretações? De acordo com Cordiviola “A Bíblia preanuncia aquilo que o navegante encontrará no seu percurso, e a geografia de mil maneiras confirma o que fora previsto muito antes, e que, portanto, era indisputável, por obedecer desígnios divinos” (2005, p. 68).

Entretanto, ao projetar o Paraíso Terrestre na América Colón deixou inscrito em seus diários não o que ele viu no continente americano mas o que gostaria de ver, de acordo com o repertório de pressentimentos, imaginações e desejos coletivos perpassados de gerações e gerações entre frustrações e ansiedades que se fizeram materializáveis em semelhanças até então não experienciadas. E continua:

O mito, a repetição da repetição, se inscreve como força antecipatória no fluxo linear da história cristã; ensaia eternos retornos que desordenam e desviam os sentidos

² *Oid, gentes, la palabra del Señor en las islas que están lejos* (COLÓN apud LÓPEZ, 2006, p. 51).

do tempo, invoca estranhas continuidades que parecem se configurar no além da história e da geografia. Cria uma outra esfera de interpretação, que, apelando a tradição e ao divino, não apenas se contrapõe à banalidade do real, mas também ajuda a redefinir essa mesma noção de real (CORDIVIOLA, 2005, p. 87)

O que se destaca nas palavras do almirante genovês firma-se como oportunidade de reviver e conquistar origens e torná-las tão inquestionáveis quanto profícuas para o desenvolvimento da história do homem. Pois, os cristãos há muito buscavam o Paraíso quando ele não se mostrou ao alcance de olhos que pertenciam a corpos e espíritos que, indubitavelmente, se achavam merecedores do consolo de angústias e necessidades, materiais e espirituais supridas.

El propio sentido de insatisfacción de la cristiandad del siglo XV halló su expresión en la ansia de volver a una situación más favorable. La vuelta debía ser al perdido paraíso cristiano, o a la Edad de Oro de los antepasados, o a alguna engañosa combinación de ambos. (ELLIOTT, 2000, p. 44)

Pois,

Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais freqüente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reaprender sua lição criadora é o desejo que se pode ler como em filigrana em todas as reiteraões rituais dos mitos. Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar (ELIADE, 2004, p. 22)

Desse modo, a imaginação deu sentido a América. Colón pensou encontrar o Paraíso com base em indícios literários pré-existentes e semelhanças testemunhadas com os olhos da fé. O que para a época foi lícito, legítimo apesar das palavras de Colón terem sido meras

especulações fundamentadas em convicções pessoais e analogias feitas pela ausência de recursos lingüísticos para explicar um universo distinto. Em verdade, a América foi uma realidade material que não havia sido experienciada – Literaturas – e que foi confundida com outra realidade – profecias – igualmente nunca vista e experienciada, o Paraíso, o que causou espanto e entusiasmo. Prevaleceu um Dever Ser ao invés de uma nova experiência com a realidade. Uma realidade que se fundamentava como imaginação em duas perspectivas distintas e convergentes: a herança de um imaginário anterior ao descobrimento e a necessidade de reatualizá-lo, o que se tornou possível a partir do “descobrimento”. Colón viabilizou as duas perspectivas ao interpretar o espaço americano. Desse modo, mais do que representar a vontade de Deus é possível que ele tenha representado a infelicidade e a impaciência de homens com a realidade que o cercava quando pensou ter encontrado o “Paraíso”.

Ora, a idéia desse mundo resguardado de toda espécie de calamidade e padecimentos físicos, tanto quanto a outra, que ela se enlaça estreitamente, da longevidade extrema dos seus moradores, tende a entrosar-se, muitas vezes, na inspiração dos velhos motivos edênicos, tais como aparecem principalmente na literatura devota da Idade Média. A simples presença do desconhecido e do mistério poderia, aliás, encaminhar sobre esse rumo as imaginações (Holanda, 1996, p. 283).

Por isso, não seria exagero admitir que, caso a América não existisse àquelas alturas, seria necessário inventá-la.

La invención del otro como creación, alegoría, leyenda, fábula o simple mentira inscribe, poco a poco, el Nuevo Mundo en el ideal de un deber ser, mítico primero, utópico luego. Esta idealidad de contraponer al ser empírico que la invención americana va ratificando al mismo tiempo en el inventario de la nueva realidad abordada, vocación

etnológica 'avant la lettre' de cronistas y padres misioneros que integra y completa el soñar despierto de la utopía. (AINSA, 1998, p. 34)

Uma via possível por meio do milagre da semelhança e que se responsabilizou por conciliar bases do pensamento lógico e mágico. A semelhança que, segundo Foucault (1987), desempenhou importante papel no século XVI por conduzir a exegese e a interpretação dos homens ao organizar o jogo simbólico das formas. O que faz sentido ao perceber os esforços dos navegadores ao tentar descrever os novos mundos. Novos mundos que reavivaram, por meio da linguagem, o que dificilmente poderia conceber-se: o Paraíso Terrestre ou a sua possibilidade. Universo que se assemelhou ao que de mais maravilhoso poderia existir para um homem que acreditava no além.

O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo suas hastes os segredos que serviam ao homem. A pintura imitava o espaço. E a representação – fosse ela festa ou saber – se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar. (FOUCAULT, 1987, p. 33)

Mais que uma revelação, os escritos de Colón desvelaram-se na tentativa de reavivar o desejo de saldar uma antiga dívida do homem para consigo mesmo após séculos de infelicidades, buscas e insuficiências. A importância da projeção de Colón consistiu em proporcionar, mesmo que por alguns instantes, a oportunidade de os homens redimirem-se perante Deus dos maus procedimentos e os mal-estares causados por eles próprios a si mesmos. O encontro com a América, pelas semelhanças com o Paraíso perdido, poderia significar um sinal divino de consentimento para recomeçar uma nova fase. Por isso, não seriam absurdas as relações que fez Colón, mesmo ele representando anseios de poder e riqueza. De qualquer

forma, é nesta aparente combinação entre o divino e o terreal, entre o espiritual e o material, que o sonho tentou acomodar-se no continente recém-descoberto: a oportunidade propícia para a sua materialização.

O Senhor, teu Deus, te fez entrar numa terra boa, terra de torrentes, de fontes, de águas subterrâneas, jorrando na planície e na montanha, terra de trigo e de cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de óleo de oliva e de mel (DEUTERONOMIO, 8, 7)

[...] porque es cierto que la hermosura de la tierra de estas islas, así de montes e sierras y aguas, como de vegas donde hay ríos cabdales, es tal la vista que ninguna otra tierra que sol escaliente puede ser mejor al parecer ni tan hermosa (...)
(COLON, 2003, p. 73)

A impressão que se tem ao examinar os indícios que levaram o genovês ao escrever como escreveu ao interpretar a América marca “[...] a imaginação como ferramenta útil para dar explicação não somente ao desconhecido, mas também para tentar justificar o que não se queria admitir como evidente” (LÓPEZ, 2006, p. 48): o Novo Mundo como espaço distinto e inimaginável e descrição do espaço realizada pelo navegador fosse tão-somente a descrição de outra realidade; uma realidade que ele gostaria de testemunhar, que poderia ou não ser divina, a depender de quem e por quais razões poderia interpretá-las dessa maneira. O que leva a crer que as realidades podem tornar-se divinas quando se acredita que elas são semelhantes ao que desejamos e acreditamos como tal.

É possível que a idéia do Paraíso, de fato, tenha sido uma espécie de representação, semiologia capaz de tornar legível e legítimo espaço até então inconcebível, porém, conveniente e reconhecível como convicção, esperança e realidade se demonstrado e comprovado. Uma necessidade, uma perspectiva que agradaria tanto os leitores quanto o escritor. Desse modo, a expectativa de muitos leitores somada à convicção do hermeneuta italiano fundiu-se em uma estratégia

retórica que articulou idéias preestabelecidas pelo imaginário do Ocidente. Assim, não seria exagero considerar que encontrar o continente americano foi uma oportunidade que materializou o mito, de acordo com devaneios e necessidades, por meio de uma linguagem fundamentada na busca por felicidade e redenção. Sonho que se queria possível enquanto vida os homens tivessem.

Seja como for, não deve ter sido simples para o navegador italiano lidar com outra natureza. Pois, a imagem do Paraíso (re) suscitada por Colón relacionou-se à dificuldade de identificar e reconhecer uma realidade distinta. Pois, até então, os europeus bastavam-se. Não esperavam eles conscientizarem-se de que não estavam sós e que não passaram de meros componentes integrando um sistema maior de convivência e realidade. É possível que inserir a América no patrimônio do imaginário do Ocidente tenha sido uma reação oportuna na tentativa de manter o mundo uno e sob controle. De toda forma, mais um transtorno firmado pela imaginação.

Conclusão

É possível que o que tenha comprometido a idoneidade dos relatos tenha sido o uso de analogias e outras representações para aproximar os leitores da experiência inexplicável. No entanto, as analogias que comprometeram os registros e escritores foram imprescindíveis na ausência de linguagem para tentar tornar legível a experiência e os mundos. Por mais comprometedores e justificáveis que pudessem parecer tais recursos utilizados era uma forma racional e prática de lidar com a instabilidade dos significados da experiência que precisavam, com urgência, ser compreendidos e determinados. O que não comprometeria, de todo, as interpretações dos navegadores.

O espaço das analogias é, no fundo, um espaço de irradiação. Por todos lados, o homem é por ele envolvido; mas esse

mesmo homem, inversamente, transmite as semelhanças que recebe do mundo. Ele é o grande fulcro das proporções – o centro aonde as relações vêm se apoiar e donde são novamente refletidas (FOUCAULT, 1987.p. 39)

Os mal-estares causados pela incompreensão do espaço se apresentavam como texto-mundo composto de transfigurações aproximativas: Paraísos; seres semelhantes aos mitológicos; mulheres e homens nus dispendo de liberdade nunca vista, entre outras descrições apresentadas como realidade. O que houve foi a utilização de uma linguagem incomum para dar conta da necessidade de relatar uma experiência inexplicável e fazer com que os interlocutores acreditassem que o que se escrevia enquadrava-se como veracidade. Os recursos aproximativos utilizados pelos navegadores-escritores nos relatos de viagem podem ser compreendidos como estratégia eficiente para representar um objetivo não poderia ser compreendido como Literatura. Uma perspectiva que se relaciona ao propósito da memória histórica que, por princípio mimético, tenta dar conta das representações humanas.

Referências

- AINSA, Fernando. *De la Edad de Oro al El Dorado. Génesis del Discurso Utópico Americano*. México: FCE, 1992.
- BACHELARD, Gaston. "A Poética do Espaço". Trad. Antonio da Costa Leal; Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BHABHA, Homi. "O Local da Cultura". Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. "Nossa América: a Utopia de um Novo Mundo". São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.
- CHIAPPINI, L e WOLF DE AGUIAR, F. (org). "Literatura e História na América Latina". São Paulo: EDUSP, 2001.
- COLÓN, Cristobal. "Los Cuatro Viajes del Almirante y su Testamento". Disponível em: [http:// www.cervantesvirtual.com/servelet/sirveobras/50362733173581464260046/index.htm](http://www.cervantesvirtual.com/servelet/sirveobras/50362733173581464260046/index.htm)_ Acessado em 10 de jun de 2003.

_____. "Libro de las Profecía". Juan Fernández Valverde (org). Madrid: Alianza Editorial; Sevilla: Universidad de Sevilla, 1992.

CORDIVIOLA, Alfredo. "Um Mundo Singular. Imaginação, Memória e Conflito na Literatura Hispano-Americana do Século XVI". Recife: PPGL/UFPE, 2005.

ELIADE, Mircea. "Mito e Realidade". Trad. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELLIOTT, Jonh H. "El Viejo Mundo y el Nuevo" (1492-1650). Madrid: Alianza Editorial, 2000.

GÃNDAVO, Pero Magalhães. "Tratado da Terra & História do Brasil". Leonardo Dantas Silva (org). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Raízes do Brasil". IN: Intérpretes do Brasil. Silviano Santiago (org). t.2. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. pp.

_____. "Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil". São Paulo: Brasiliense, 1996.

MIGNOLO, Walter. "Cartas, Cronicas y Relaciones de la Literatura Colonial Hispanoamericana". MADRIGAL, Luís Íñigo (org) "Historia de la Literatura Hispanoamericana Colonial". Tomo 1. Madrid: CATEDRA, 2002. pp. 57-117.

MONTAIGNE, Michel de. Ensaíos. v.1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LIMA, Luiz Costa. "O Controle do Imaginário. Razão e Imaginação no Ocidente". São Paulo: Brasiliense, 1999.

LÓPEZ, Juan Ignacio Jurado-Centurión. "A Forja da Identidade Através da Literatura Colonial dos Séculos XVI e XVI: Navegantes, Cronistas e Religiosos no Novo Mundo". Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Dr. Alfredo Cordiviola (UFPE) e apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2006.

O'GORMAN, Edmundo. "Invenção da América". Trad. Ana Maria Martinez; Manoel Lelo Bellotto. São Paulo: UNESP, 1992.

SEARLE, John. "A Intencionalidade". Trad. Julio Fisher; Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUSA, Gabriel Soares de. "Tratado Descritivo do Brasil em 1587". Leonardo Dantas Silva (org). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2000.

THEODORE, Janice. "América Barroca". São Paulo: Nova Fronteira/ EdUSP, 1992.

VESPÚCIO, Américo. Eduardo Bueno (org). "Novo Mundo. As Cartas que Batizaram a América." São Paulo: Planeta, 2003.